

Palácio teme ataque a FH

A radicalização da campanha eleitoral não preocupa apenas a banda dos governistas favorável à preservação da elegância política presidencial. Aflige, hoje, principalmente o Gabinete Militar que é responsável pela integridade física de Fernando Henrique. As agressões de manifestantes da CUT a Fernando Collor recentemente em São Paulo são citadas como um sinal de que atos semelhantes podem não estar reservados apenas a quem em certo momento lançou o cargo à lama, nem ser prerrogativa exclusiva de militância organizada de esquerda.

A cena de Collor levando um tapa de manifestantes fez acender o alerta de que é preciso começar a levar em consideração a hipótese de Fernando Henrique ser vítima de atos semelhantes. O que para um candidato tem uma dimensão, quando se trata do presidente da República assume um caráter muito mais grave. O Gabinete Militar está preocupado justamente com isso. Não necessariamente fazendo suposições a respeito desse ou daquele grupo nem levantando suspeitas a respeito de ninguém.

Mas é fato que já se percebe uma boa dose de ousadia em manifestações de rua, tal qual aconteceu quando um grupo de celerados e punks transformou um protesto do PT e da CUT contra o desemprego numa balbúrdia sem tamanho. E, no momento em que o governo também radicaliza o discurso e as ações, evidentemente que o risco da contrapartida é real.

Por enquanto, o assunto está apenas no terreno do debate. Suscitado com mais veemência depois que o colégio de conselheiros políticos sugeriu ao presidente que se aproxime mais do povo, organize suas viagens com mais descontração, criando oportunidades para que ele esteja sempre perto de pessoas. A palavra de ordem é mais gente e menos cimento. Isso, para o caso de visitas a obras.

A questão é como acomodar as necessidades eleitorais do candidato com a responsabilidade de preservar a integridade física do governante. Assim à primeira vista, parece um problema fácil de resolver. Bastaria deixar Fernando Henrique a rodopiar pelo meio da multidão sempre cercado de seguranças e tudo estaria resolvido. Mas as coisas não são tão simples. Há, desde já, um dilema a ser resolvido.

É que os políticos do grupo de aconselhamento presidencial quando postos diante dessa opção reagem negativamente. Achrom que nada haverá de pior para Fernando Henrique que chegar numa cidade e se enfiar no meio do povo rodeado por um cordão de brutamontes.

Eles acham que a função do Gabinete Militar é exatamente conseguir antecipar os perigos e, em vez de cercar o presidente, fazer o cerco aos prováveis agressores. De outra forma, argumentam, o presidente dará a impressão de que, além de temer os cidadãos a quem pede votos, ainda os considera a todos potenciais vândalos.

Em algum momento, que não deverá demorar, será preciso haver o desempate entre essas duas posições. Até agora os políticos ganharam todas, mas a questão da segurança tem um defensor de peso que se chama general Alberto Cardoso, cuja ascendência sobre o presidente nesse setor ainda não mereceu contestações.

Dupla personalidade

A montagem da estrutura política, administrativa e de comunicação da campanha de Fernando Henrique está sendo feita à luz da leitura detalhada da lei eleitoral. Por isso, o Planalto não quer ver ninguém do governo frequentando o comitê eleitoral. São os chamados "incompatíveis" com a campanha. Aí incluem-se ministros e até candidatos aos governos ou mesmo governadores. Não que haja restrições explícitas, mas os organizadores acham que isso poderia provocar questionamentos e ninguém considera prudente dar qualquer passo que necessite de explicação.

Sendo assim, os "incompatíveis" terão circulação restrita ao Palácio da Alvorada, espaço que, por ser residência do presidente, é considerado pela lei como território livre. O único a quem se permitirá ser anfíbio é Fernando Henrique. Ao candidato é possível o exercício da dupla personalidade que, já se sabe, ele exercerá com mais frequência do que estava programado. É que antes, quando o mar estava mais bem guarnecido de peixes, o presidente vivia o sonho de que poderia sobreviver majestático à campanha.

A legislação permite que ele frequente o comitê e ainda leve consigo um reduzido *staff* integrado por um médico, secretário particular, assessora de imprensa, ajudante de ordens e seguranças. Fora isso, é problema. Há quem diga inclusive que Fernando Henrique se sentirá bastante confortável nessa situação, dado que a prática da ambigüidade nunca lhe foi de todo um fardo.

No comitê propriamente dito, ficam os operadores que não fazem parte do governo, que obviamente não estão impedidos de frequentar o Alvorada. Ao contrário. Mas ficou estabelecido que é importante a presença de Euclides Scalco coordenando a ação política de lá, para que o comitê não fique politicamente esvaziado, já que todas as decisões seriam tomadas apenas naquele colégio privilegiado do Alvorada.

É claro que as demandas políticas da campanha serão mesmo estabelecidas no Palácio-residência. Mas serão passadas ao comitê onde se transformarão em ação e comunicação depois de debatidas também pelos representantes dos partidos. Scalco será o encarregado de coordenar essas discussões e vocalizar as decisões.